

# OS NAVEGADORES FRANCESES DO SÉCULO XVI E OS INDÍGENAS BRASILEIROS

Vasco MARIZ

As grandes descobertas do fim do século XV criaram um grave problema de consciência no Ocidente. Como tratar os indígenas do mundo americano que se abria à civilização? Eram eles criaturas humanas? Os maus tratos que os navegadores estavam infligindo aos indígenas, na sua ânsia de ouro e especiarias, encontrou crescente resistência da Igreja, mas, ao mesmo tempo, o papado hesitou em condenar e reprimir as violências que estavam sendo perpetradas em nome da civilização ocidental e de uma falsa catequese, que mal disfarçava as ambições de riqueza dos descobridores. As crueldades de Cortéz e Pizarro, no México e no Peru, chocaram o mundo europeu, que leu as descrições terríveis de Las Casas. Lembro que o prelado espanhol Bartolomé de Las Casas (1474-1566), bispo de Chiapas no México, defendeu os indígenas em seu famoso livro contra a opressão brutal dos conquistadores espanhóis nas Américas, o que acabou por provocar uma tomada de posição por parte do Vaticano em relação ao estatuto dos silvícolas americanos. A bula papal de 1537 finalmente acabou com o erro teológico da escravidão dos nativos das Américas.

Os navegantes franceses que freqüentavam as costas brasileiras desde o início do século sempre tiveram a precaução de não hostilizar os índios, nem de tentar maltratá-los ou dominá-los. De um modo geral, os capitães dos navios mercantes franceses esforçaram-se por conseguir estabelecer uma convivência cordial e interessada com os nativos, sempre com o intuito de torná-los bons parceiros comerciais. Nada mais. Não vinham eles ao Brasil para fundar colônias permanentes e sim apenas para comerciar com os índios.

Traziam-lhes os produtos europeus que eles ambicionavam e trocavam pelos produtos da terra brasileira que tinham possibilidade de revender na Europa com grandes lucros. Já os objetivos dos portugueses eram bem diferentes: vieram ao Brasil para instalar-se permanentemente, tinham de construir suas casas e suas aldeias, e preparar plantações para se abastecerem de maneira regular. Como os portugueses eram pouco numerosos, era inevitável que tivessem de obrigar os silvícolas a trabalhar para eles, por bem ou por mal. Seu principal instrumento de convencimento dos indígenas era a catequese dos sacerdotes católicos, em geral jesuítas, que paulatinamente conseguiram desfazer as alianças entre as tribos indígenas para combater uns aos outros, ou defender-se dos portugueses. Esclarecida essa diferença entre os métodos de abordagem com os indígenas de portugueses e franceses, examinemos o quadro geral das relações comerciais entre a França e a costa brasileira antes da expedição de Villegagnon, que este sim visava alterar de maneira completa a orientação anterior exclusivamente comercial entre os dois países.

É fato aceito em França que navegadores franceses freqüentavam as costas brasileiras desde o final do século XV. Jean Cousin teria descoberto a foz do rio Amazonas em 1488. Naus francesas de todo o tipo da época visitaram vários pontos da costa brasileira, aqui trocaram presentes com os indígenas e levaram do Brasil quantidades tão grandes e valiosas de produtos naturais brasileiros que muitos armadores dos portos da Mancha enriqueceram. Um deles, Jean Anjo, construiu um verdadeiro palácio em Dieppe, com varandas terraceadas à maneira italiana, paredes e tetos decorados com afrescos representando temas brasileiros, isto é, cenas de índios com penas e cocares a dançar. Até hoje existe em Dieppe a pequena igreja de Saint Jacques decorada com temas indígenas brasileiros. Dezenas de índios brasileiros foram levados para França e lá passaram a residir e a exhibir-se em feiras regionais na Europa. A belíssima gravura de Burkmayr e Alberecht Dürer, que está no Museu Nacional de Washington, data de 1518 e mostra um cortejo de indígenas brasileiros misturados a franceses e francesas de tranças louras, fantasiados de índios. Em 1550 aconteceu em Rouen importante festa brasileira na presença do rei Henrique II e de sua mulher, Catarina de Médicis, na qual centenas de índios brasileiros bailaram e simularam combates. Relato pormenorizado dessa festa pode ser lido no livro de Ferdinand Denis, *Une Fête Brésilienne à Rouen* (Paris, 1850). Naquela

época, os índios eram levados à França como curiosidade ou como escravos.

À medida que o tempo passava, as naus francesas escolheram uma rota ideal para chegar ao Brasil, para onde melhores ventos os empurravam mais rapidamente e em pouco mais de dois meses de navegação. O destino era a região do Cabo Frio, que faz parte do atual estado do Rio de Janeiro, e em especial a bela praia vizinha de Búzios, hoje um balneário elegante. Essa ação regular e sistemática dos armadores franceses era – como disse Paulo Knauss – “uma contestação ao monopólio comercial ibérico, em defesa da política do *mare liberum* por parte dos excluídos da bula papal de 1494, como a França...”<sup>1</sup> O rei François I já havia publicamente protestado contra aquela decisão papal, afirmando que no testamento de Adão não havia disposição alguma que impedisse a França de cruzar o Atlântico. Naturalmente, ele fechava os olhos a esse tráfico ou, até mesmo, estimulava os armadores franceses, apesar de ser um rei católico que tinha a obrigação de obedecer à Roma. Curioso é que, ainda em 1555, quando o rei Henrique II encarregou Villegagnon da missão de fundar uma base militar e comercial na Guanabara, foi vago ao definir o verdadeiro caráter da expedição como ato oficial do governo francês. Tantos anos depois, ele não quis afrontar diretamente a decisão papal 1494.

Mas como agiam os indígenas em relação aos navios franceses que fundeavam diante de Cabo Frio? Antes de tudo, além das naus francesas que provinham dos portos da Mancha, havia numerosos cidadãos de origem francesa vivendo no Brasil entre os índios, desertores normandos em sua grande maioria. Eram quase todos renegados, que haviam tido problemas com a justiça francesa ou com os capitães dos navios mercantes franceses, gente atrabiliária, antigos pensionistas das prisões francesas que haviam escapado e vindo para o Brasil, enfim indivíduos que dificilmente poderiam regressar à pátria sem arriscar-se a ser imediatamente presos. Esses desertores, que viviam entre os índios, casados ou não com mulheres indígenas, tornaram-se muito úteis ao comércio com o Brasil na função de intérpretes. Eles também instruíaam os silvícolas a preparar as mercadorias desejadas pelos navios franceses, tais como toros de pau-brasil, acajú

---

1. Paulo Knauss – *O Rio de Janeiro da pacificação*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1991, p. 21.

e jacarandá, gaiolas com macacos e sagüis, papagaios e araras, plantas medicinais, plumas de aves, etc. As naus francesas não se demoravam muito na costa brasileira e em poucos dias estavam a caminho de volta aos portos da Mancha. Em contrapartida, eles faziam escambo, isto é, troca dos objetos que traziam da pátria para tal fim: camisas e tecidos de cores berrantes, facas, machados, anzóis, espelhos, contas de vidro, etc. Assim sendo, os contatos entre a França e a costa brasileira eram, portanto, somente escambo, isto é, relações estritamente comerciais. Na França, o quintal de pau-brasil vendia-se por oito ducados e um papagaio valia seis ducados, quantias elevadas na época.

No entanto, é justo sublinhar que esse comércio dos franceses com os indígenas se revestiu de significativo aspecto cultural: a introdução de objetos de metal representou notável salto tecnológico para algumas tribos da região, que passaram subitamente da idade da pedra para o uso de metais, sem que tivessem inventado esses utensílios. Destarte, os índios da Guanabara alcançaram inesperado avanço metalúrgico graças ao comércio com os franceses.

Mas como eram essas tribos de indígenas que habitavam a região de Cabo Frio e sobretudo os arredores do atual Rio de Janeiro? Os antropólogos e historiadores brasileiros ainda não se puseram de acordo sobre as denominações dessas tribos numerosas e aguerridas. Só na região da Guanabara haveria 22 aldeias, com milhares de indígenas conhecidos por serem muito belicosos. Correndo o risco de generalizar, podemos dizer que existia na região da Guanabara um grande tronco geral indígena denominado tupi-guarani. Alguns autores consideram que a denominação de tamoio é apenas genérica e, outros ainda, julgam que a palavra tupinambá significa apenas uma determinada cultura indígena. Seja como for, as principais tribos eram os tamoios e os tupinambás, ou os tupiniquins, todos inimigos ferrenhos dos portugueses e, em princípio, aliados de Villegagnon e dos franceses. No fundo da baía da Guanabara, na grande ilha de Paranapuã, ou ilha do Gato (hoje ilha do Governador), viviam os índios temiminós, ou margaiás (como lhe chamavam os franceses), os quais foram os primeiros a aceitar a boa convivência com os portugueses do Espírito Santo, que os haviam protegido nas lutas contra os tamoios. Os temiminós auxiliaram eficazmente os portugueses na luta final contra os franceses e sua cooperação representou significativo fator para a vitória final lusitana. Por isso, até meados do século

XVI, os portugueses, que se haviam instalado em Pernambuco, Bahia e São Vicente (São Paulo), não se haviam atrevido ainda a tentar fundar uma colônia permanente nas margens da Guanabara. Os indígenas estavam bem informados de que os portugueses, mais cedo ou mais tarde, tentariam escravizá-los para trabalhar nas plantações e na construção de casas para os colonos. Por isso os detestavam, mas acolhiam muito bem os franceses que desejavam apenas comerciar. Os indígenas chamavam os franceses de “papagaios amarelos”, talvez porque eles falavam muito e eram louros...

Essas tribos uniam-se em alianças, como a famosa Confederação dos Tamoios, romanticamente celebrada mais tarde no poema épico de Gonçalves de Magalhães (1856) e pelos quadros do pintor Rodolfo Amoedo. Mas essas tribos que se aliavam para combater o agressor estrangeiro que tentava submetê-los, também guerreavam muito entre si. As tribos tamoios chegavam até Bertioga, perto do atual porto de Santos, onde os padres Nóbrega e Anchieta tiveram papel importante na pacificação da região.

Todos os indígenas eram inimigos de todos e os aprisionados eram escravizados ou comidos pelos vencedores. Falavam língua ligeiramente diferentes, mas era fácil distinguir o sotaque de cada tribo. Villegagnon trouxe da França um índio margaiá que se casara com uma francesa e aprendera o francês. Ele deveria servir como intérprete da expedição, mas os tupinambás logo o reconheceram como um inimigo e, na primeira oportunidade, mataram-no e o comeram, para grande irritação do Vice-rei do Brasil... Léry conta que Villegagnon, para evitar a antropofagia, aceitou utilizar os inimigos e prisioneiros do tupinambás como trabalhadores, aparentemente escravos, na construção do forte Coligny, embora ele não os reconhecesse como tal. Episódio curioso que aumentou o prestígio de Villegagnon com os indígenas ocorreu por ocasião de uma epidemia que dizimou muitos tupinambás. O governador, que tinha bons conhecimentos da medicina da época, conseguiu curar alguns indígenas e isso lhe deu uma aura de quase santidade.

Jean de Léry e André Thevet, em seus excelentes livros, descevem os hábitos dos indígenas brasileiros da época, a flora e a fauna do país com surpreendente exatidão. Referem-se com pormenores ao pitoresco morubixaba Cunhambebe, que se tornou amigo de Villegagnon e era uma espécie de líder político dos tamoios. O supri-

mento dos alimentos em Henriville era garantido pelos indígenas que aportavam mandioca, favas, carne de caça e pescado. Ajudaram também a construir casas com tijolos da *briqueterie* (olaria), misturavam conchas à massa para as paredes das residências, que cobriam com palha à maneira indígena. Os franceses por sua vez lhes ensinavam a preparar a terra para as plantações, que fertilizavam com algas marinhas, processo que Villagagnon havia observado no Mediterrâneo. Os índios eram hospitaleiros, mas ofendiam-se com muita facilidade, o que obrigava os franceses a agirem com a maior cautela.

Mem de Sá, em carta à rainha regente portuguesa Catarina, reconhece que os indígenas haviam sido bem treinados pelos franceses no manejo de armas de fogo e eram excelentes arcabuzeiros. Na carta de Villegagnon ao duque de Guise, lê-se que “nossos selvagens compõem um exército de mais de três mil homens”. Essa aliança com os índios locais, fiéis desde o primeiro momento até a expulsão final dos franceses da Guanabara em 1567, poderia ter sido um elemento fundamental para a consolidação final da França Antártica, se tivesse realmente chegado até o Brasil o grande contingente de milhares de colonos franceses calvinistas, que já estavam alistados para se transferirem para a Guanabara, por ocasião da queda do forte Coligny em 1560.

O nobre *provinois* investiu com persistência no bom relacionamento com os tupinambás, tomava aulas diárias da sua língua, organizou um glossário franco-tupi (depois publicado no livro de Léry) e cultivou a amizade com seus chefes, sobretudo do famoso cacique Cunhambebe, que era um tipo muito original. Outro personagem curioso foi seu adversário, o cacique Araribóia, batizado como Martim Afonso e chefe dos temiminós, inimigos dos tupinambás, os quais auxiliaram os portugueses em suas lutas com os franceses. Em recompensa aos serviços prestados a Portugal, El-Rei concedeu-lhe o hábito de cavaleiro de Ordem da Cristo e o posto de capitão da aldeia de São Lourenço, conta-nos Elysio Belchior.<sup>2</sup>

Depois da vitória de Mem de Sá, em 1560, os portugueses tudo fizeram para “pacificar os gentios”. Seu sobrinho Estácio de Sá, o fundador oficial da cidade do Rio de Janeiro em 1565, levou dois anos para submeter os tupinambás, entre os quais ainda viviam cerca

2. Elysio Belchior – *Conquistadores e povoadores do Rio de Janeiro* (pp. 55-57).

mento dos alimentos em Henriville era garantido pelos indígenas que aportavam mandioca, favas, carne de caça e pescado. Ajudaram também a construir casas com tijolos da *briqueterie* (olaria), misturavam conchas à massa para as paredes das residências, que cobriam com palha à maneira indígena. Os franceses por sua vez lhes ensinavam a preparar a terra para as plantações, que fertilizavam com algas marinhas, processo que Villagagnon havia observado no Mediterrâneo. Os índios eram hospitaleiros, mas ofendiam-se com muita facilidade, o que obrigava os franceses a agirem com a maior cautela.

Mem de Sá, em carta à rainha regente portuguesa Catarina, reconhece que os indígenas haviam sido bem treinados pelos franceses no manejo de armas de fogo e eram excelentes arcabuzeiros. Na carta de Villegagnon ao duque de Guise, lê-se que “nossos selvagens compõem um exército de mais de três mil homens”. Essa aliança com os índios locais, fiéis desde o primeiro momento até a expulsão final dos franceses da Guanabara em 1567, poderia ter sido um elemento fundamental para a consolidação final da França Antártica, se tivesse realmente chegado até o Brasil o grande contingente de milhares de colonos franceses calvinistas, que já estavam alistados para se transferirem para a Guanabara, por ocasião da queda do forte Coligny em 1560.

O nobre *provinois* investiu com persistência no bom relacionamento com os tupinambás, tomava aulas diárias da sua língua, organizou um glossário franco-tupi (depois publicado no livro de Léry) e cultivou a amizade com seus chefes, sobretudo do famoso cacique Cunhambebe, que era um tipo muito original. Outro personagem curioso foi seu adversário, o cacique Araribóia, batizado como Martim Afonso e chefe dos temiminós, inimigos dos tupinambás, os quais auxiliaram os portugueses em suas lutas com os franceses. Em recompensa aos serviços prestados a Portugal, El-Rei concedeu-lhe o hábito de cavaleiro de Ordem da Cristo e o posto de capitão da aldeia de São Lourenço, conta-nos Elysio Belchior.<sup>2</sup>

Depois da vitória de Mem de Sá, em 1560, os portugueses tudo fizeram para “pacificar os gentios”. Seu sobrinho Estácio de Sá, o fundador oficial da cidade do Rio de Janeiro em 1565, levou dois anos para submeter os tupinambás, entre os quais ainda viviam cerca

2. Elysio Belchior – *Conquistadores e povoadores do Rio de Janeiro* (pp. 55-57).

de quarenta franceses. Ele acabou morto por uma flecha envenenada de um tamoio. Nessa altura os franceses remanescentes já não estavam mais sendo perseguidos pelos portugueses, tão pouco numerosos eram. A guerra dos portugueses passou a ser mesmo contra os tamoios e o papel dos jesuítas foi decisivo para dividir as alianças que uniam as diversas tribos indígenas.

Assim sendo, as viagens comerciais das naus francesas depois da queda do forte Coligny, em 1560, voltaram a apoiar-se na intermediação dos mesmos intérpretes renegados, como faziam antes da chegada da expedição de Villegagnon. O tráfego desses navios franceses não havia sido interrompido pela destruição da fortaleza e continuavam a voltar carregados para a Europa, apesar dos esforços dos lusos por desmantelar esse tráfego. Afinal os portugueses compreendiam que era inadiável ocupar e povoar a baía da Guanabara, ou acabariam por perdê-la de vez. E se isso viesse a ocorrer, ficariam ameaçadas as suas importantes colônias mais próximas, como São Vicente, na costa paulista.

Finalmente, devemos sublinhar a especial significação do papel desempenhado por indígenas brasileiros em suas permanências na França. É sabido que Montaigne entrevistou-se, em novembro de 1562, com três índios brasileiros, segundo afirma Pierre Villey, trazidos por seu mordomo, que os conhecia bem. Nos famosos *Essais*, capítulo 31, intitulado *Des cannibales*, Montaigne, que provavelmente também leu o livro de Léry, cita os selvagens brasileiros e comenta seus relatos, contribuindo assim para a criação do mito do *bon sauvage*, desenvolvido depois por Rousseau e Chateaubriand. É inegável que tanto Montaigne quanto Rabelais se impressionaram bastante com as entrevistas que mantiveram com nossos indígenas. Também Ronsard, com sua *Ode contre la fortune*, teria influenciado o famoso *Discurso sobre a desigualdade dos homens*, de Rousseau.

Entretanto, esse particular interesse dos europeus já vinha de longe, do início do século XVI, a começar pela célebre carta de Américo Vespucci, conhecida por *Mundus novus*. Escrita em 1502 ou 1503 ao príncipe Pedro Lourenço de Médicis, de Florença, pelo viajante italiano que esteve na Guanabara em 1501, essa carta foi logo traduzida para diversas línguas e revelou aspectos curiosos da vida dos indígenas, que causaram sensação na Europa. Outro navegante italiano, Antônio Pigafetta, companheiro de Fernão de

Magalhães, que esteve na Guanabara em 1519, escreveu um livro que também obteve bastante divulgação na Europa. A obra teria até sido consultada por Shakespeare, para elaborar sua famosa peça teatral *Tempest*, pois há quem veja na figura de Caliban um índio brasileiro. Em 1557, apareceu em Marburg o famoso livro do viajante alemão Hans Staden; em 1562, veio à luz a obra de André Thévet, e, em 1578, o controvertido livro de Jean de Léry, os quais tinham a vantagem de incluir gravuras impressionantes para a época. Todos fantasiaram bastante sobre os costumes dos indígenas brasileiros, comentando a sua absoluta liberdade moral, inocência sem vícios, sua vida sem lei e sem rei, sem religião e sem ídolos ou templos. Descreveram a beleza das índias desnudas e atos de luxúria por elas inventadas. Enfim, a Europa se deliciava com os relatos dos viajantes, que faziam a apologia do *bon sauvage*, suas virtudes e ingenuidade, isso em uma época em que os europeus se matavam desapiadadamente em guerras civis de fundo religioso, discutindo até a morte se Jesus estava na Eucaristia ou não. Vemos assim que os indígenas brasileiros tiveram um papel bem mais significativo do que, à primeira vista, se poderia supor e isso merece ser salientado e até celebrado.

*França Antártica – uma reavaliação.*  
(Rio, 2000, editora Nova Fronteira)